

Uma imprensa livre, nos bons tempos do Império

RONALDO ANTONELLI

“Em nome do bem publico pede-se, á quem competir, a diminuição do numero das patrulhas nocturnas. Nossos assignantes já nem pódem andar commodamente á noute, em razão da enfiada de soldados que patrulham as ruas da cidade, obstruindo a passagem das calçadas aos paizanos, e acotovelando-os á cada passo. Neste andar, em pouco tempo o numero das patrulhas será superior ao numero dos malfeitores, e bem se vê que isto é máo em todos os sentidos. A segurança em demazia encomoda.”

Quem lê o trecho acima, pode perceber facilmente — pelo arcaísmo da ortografia — que a sátira política e de costumes não é temática recente em publicações em nossa língua. Se souber que se trata de uma nota que fez parte de um semanário satírico, editado entre os anos de 1866 e 1867, em São Paulo, durante o 2.º Império, em plena Guerra do Paraguai, terá uma percepção clara de que uma imprensa livre de censura não só é reivindicação antiga como uma conquista já amplamente usufruída em outros períodos de nossa História. Pois o semanário era o “Cabrião” — um dos tantos precursores do “Pasquim” e outros órgãos da imprensa picaresca de hoje —, que teve uma vida de 51 edições dominicais.

LANÇAMENTOS

A coleção completa do “Cabrião”, em edição fac-similar, é um dos lançamentos bibliográficos com que a Secretaria da Cultura está brindando a população, através de pesquisa do Arquivo do Estado. O outro se refere ao livro “Guia dos Bens Tombados — São Paulo”, editado pela própria Secretaria.

O “Cabrião” é considerado o mais significativo e mais bem elaborado — do ponto de vista artístico-gráfico e do nível de humor apresentado — de todos os jornais satíricos de São Paulo, à época do 2.º Império. O lançamento representa uma continuidade do trabalho do Arquivo do Estado, que vem edi-



A pena de Agostini satiriza a classe política do Império festejando uma vitória contra o trono.

tando obras fac-similares do período imperial paulista. Para tanto, utilizou a coleção de propriedade do historiografo Délio Freire dos Santos, autor do prefácio da edição. Délio ressalta a oportunidade do lançamento, uma vez que “mostra a liberdade de imprensa existente à época. É importante que o grande público tenha contato com aquele tipo de jornalismo, que dizia verdades com

tanta firmeza, utilizando-se de um humor do mais alto nível”.

MORDACIDADE

O jornalista Américo dos Santos, fundador de “A Província de São Paulo” — o atual “Estadão” — e o ilustrador italiano Angelo Agostini foram os criadores do semanário, cuja característica que mais se salientou foi a mordacidade, com preferência pela política, já que não poupava, quer os no-

mes públicos mais respeitáveis, quer os mais delicados temas. Sua inspiração foi diretamente européia e seu nome se derivou do personagem Cabrion, do romance “Os Mistérios de Paris”, do francês Eugène Sue, passando a ser empregado para definir aqueles que estão aborrecendo os outros constantemente. Desde seus inícios ligou-se ao ideário do Partido Liberal e fustigava impiedosamente os políticos de linha conservadora. Como se recorda, os partidos Liberal e Conservador foram as duas grandes agremiações políticas de nossa Monarquia Constitucional, em cujo poder se alternaram. Corrupção, malversação de verbas públicas, endividamento externo — um assunto “vecchio nuovo”, como se vê — eram os temas prediletos do pasquim.

Mas nem só de política vivia o “Cabrião”. Os costumes, as modas, as novidades de consumo também mereciam suas alfinetadas viperinas. E também as artes, com as baterias particularmente assestadas contra as companhias teatrais eu-

ropéias que nos visitavam. Homens de letras importantes na história de nossa literatura colaboraram com o simpático semanário — Junqueira Freire, Teófilo Ribeiro e Fagundes Varela entre eles.

FIM MELANCÓLICO

A interrupção da publicação do “Cabrião”, em setembro de 1867, após 51 edições dominicais, teve um motivo bastante melancólico, se se considera a semelhança com inúmeros outros órgãos importantes da imprensa brasileira: a falta de anúncios, de matéria paga e, portanto, de sustentação econômica.

Por sua importância na época — Délio Freire inclusive o associa aos inícios da história em quadrinhos nacional —, encontrou grande repercussão junto ao público leitor. Segundo o historiografo, “ele nos mostra que é sempre muito bom colocar o dedo na ferida e, se isso puder ser feito com humor sadio, melhor ainda”.

PATRIMÔNIO

Já o “Guia dos Bens Tombados — São Paulo” representa um levantamento completo de todos os bens patrimoniais tombados no Estado, com registro no Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico — Condephaat. Sob a coordenação do professor Nestor Goulart Reis Filho, distribuiu-se em 142 verbetes, apresentando cada bem patrimonial, sua descrição e detalhes técnicos, históricos, finalidade e bibliografia a respeito. Na segunda parte, seguem-se 132 ilustrações dos bens tombados, realizadas a bico-de-pena pelos arquitetos Luís Rosa e Vera Lúcia Mariotti.

Ao final da primeira parte, antes das ilustrações, o volume contém um pequeno glossário de termos técnicos arquitetônicos ou ligados à área de conservação e preservação do patrimônio histórico.

As alfinetadas do ‘Cabrião’

Abaixo, alguns trechos do sabroso “Cabrião”, em suas edições dominicais:

“Dizem que mandou-se vir da Europa 10.000 espingardas prussianas, para que as proximas lutas eleitoraes nesta provincia sejam mais decisivas e rapidas, evitando-se por esse modo a desastrosa carnificina dos prolongados e sempre indecisos combates á cacete.” (n.º 4, 1866)

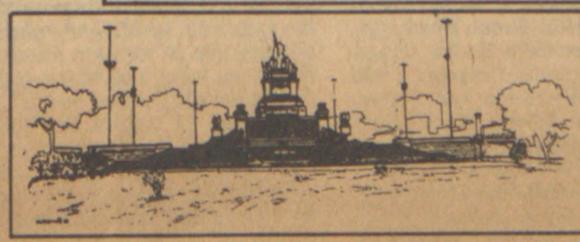
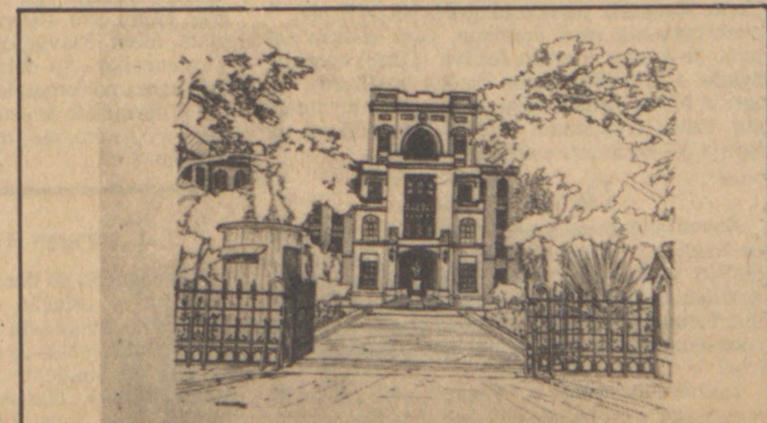
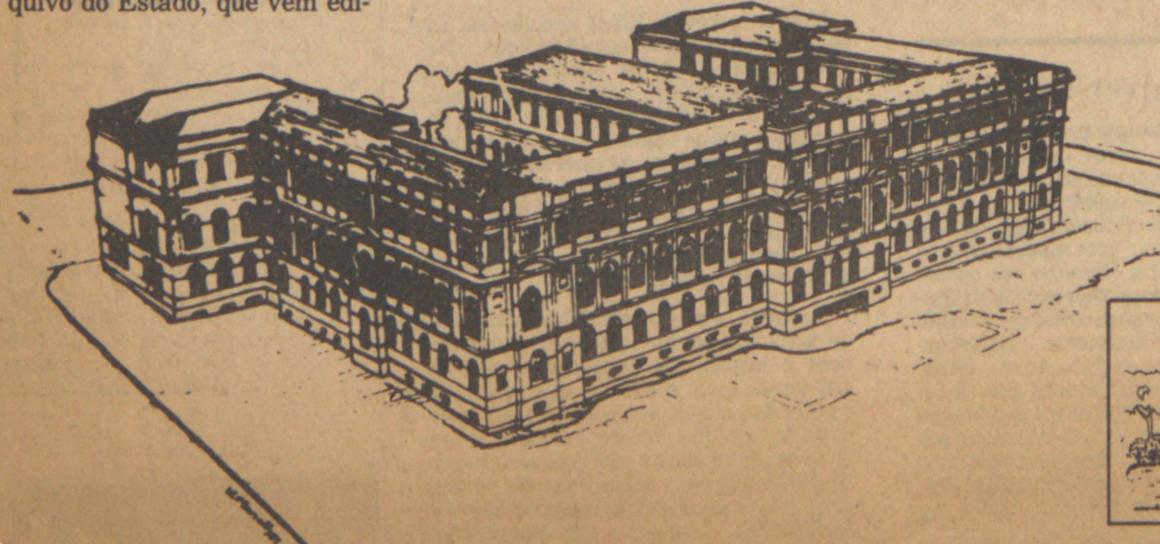
“Vamos ter mais agua em S. Paulo que tiveram os Israelitas maná no deserto. O mez aquoso aproxima-se, e a caixa vai receber porção d’agua sufficiente, para inundar a Capital, se tanto fór preciso. Viva a fartura!” (n.º 5, 1866)

“CARNAVAL — Consta que os politicos pescadores de aguas turvas (d’esta Capital) preparam-se para concorrer ás festas carnavalescas, percorrendo as ruas em

bando especial, sob uma bandeira propria que terá por distico a palavra — Honestidade. Todos elles já encomendaram mascaras de homens de bem de diversos typos. Há de ser curioso de ver-se semelhantes figuras com cara de gente honesta e honrada!” (n.º 20, 1867)

“COMMEMORAÇÃO — Com assentimento da exma. chefança, foi commemorado no dia 10 do corrente, com tiros e cacetadas na rua do Rosario, o anniversario do glorioso combate da Ilha de Carvalho, em que o 7.º de Voluntarios Paulistas escreveu uma das paginas mais brilhantes da actual campanha. Viva a chefança policial!” (n.º 28, 1867)

“CHEFANÇA — O chefe de policia partio para a córte. Deus Nosso Senhor o conserve eternamente longe de nós...Amém.” (n.º 38, 1867)



Acima, a Faculdade de Medicina; à esquerda, o colégio Caetano de Campos; e, ao lado, o monumento do Ipiranga; ilustrações dos bens tombados.